

Duplo Click

Katia Regina Cid Araújo (UERJ/ProPEd)

Fotografar é, de fato, um ato bidirecional: para frente e para trás. Sim, se faz também para trás. Como o caçador escora o seu fuzil, mira a caça à sua frente, aperta o gatilho e, quando sai o projétil, recebe para trás o contragolpe, assim também o fotógrafo é atingido em sua própria direção apertando o disparador da máquina. Uma fotografia é sempre uma imagem dupla: mostra o seu objeto e . mais ou menos visível ., .atrás., o contradisparo., a imagem daquele que fotografa, no momento de fotografar.. (Wim Wenders, 1993.)

Quando a fotografia nasceu, trouxe um grande dilema para os pintores da época. Afinal era função deles retratarem a realidade, ainda que com tintas mais fortes ou tons pastéis, linhas visíveis ou menos perceptíveis, de forma religiosa ou profana. Mas, a realidade podia não ser assim tão real... Uma rainha não tão bela, era transformada em formosa dama (do que muito se lamentaria D. Pedro). Uma cena nada heróica era por outra substituída a fim de se dar fama e glória a quem se queria enaltecer (feliz D. Pedro em brado esplêndido). Os recados eram transmitidos aos inimigos e amigos em grandes painéis a óleo.

Os séculos passam, mas o homem permanece - diriam minhas avós... Sim, com algumas mudanças, pois o tédio é também mola propulsora do progresso. Surge a imprensa, o tempo circula mais rápido. Os feitos, os fatos e... os “agentes” dos mesmos também. Conhecer a “voz” das notícias e noticiados, sentir e viver através das radio-novelas foi passagem breve para o ambicionado mundo das imagens, já anunciado pela fotografia: o cinema e a televisão. Mais que à galope, chegamos no esperado e mítico século XXI, também conhecido pela “alunha” de *futuro...* e sua maior representação: a informática!

Mas, antes de prosseguirmos, voltemos rapidamente ao nosso fotógrafo só para lembrar que ao invés de deixar os pintores “desempregados” ele os transformou. O Impressionismo, a pintura moderna e todas as suas variáveis são expressões da liberdade

artística que não mais estava restrita a função de representar a realidade, melhor dizendo, ao sentido (e interesse) dominante da realidade. O privilégio antes concedido apenas aos gênios de expressarem-se mais livremente, agora democratizava-se e o sentido de arte tornou-se mais polissêmico. Belo e feio, passam a ser conceitos que se modificam ao sabor da moda e do público.

De volta ao Futuro e a informática, gostaria de pensar a fotografia em seu novo momento – a digitalização. Porém a intenção aqui não é discutir a arte digital, net arte, web arte ou vídeo-arte. Sem dúvida são temas fascinantes, mas quero me manter fiel ao questionamento que me propus a partir de uma recente experiência vivida na prática docente.

Sem desejo de me deter aos preâmbulos, meandros e inquietantes dificuldades e discussões que a pedagogia e informática na educação travam, decidi propor aos alunos uma visita à exposição “Um novo mundo, um novo Império”, no Museu Histórico Nacional. Estávamos explorando o (desgastado e surrado) tema do momento: os 200 anos da Vinda da Família Real. A proposta era, que ao invés de relatórios, pudéssemos criar um painel desta visita através de fotos tiradas por eles. A liberdade seria total. Era importante apenas que procurassem destacar o que lhes pareceu mais interessante – duplo click. Minha expectativa, portanto, era bem aberta, quero dizer, mais que conteúdo, esperava compor um painel que chamasse a atenção de professores e alunos de como pode ser prazeroso este tipo de trabalho. Uma forma de vencer a resistência de todos quanto a sair da escola. São alunos do 1º ano no Ensino Médio, crescidinhos e capazes de circular, fotografarem...

Muito curioso. Na hora de montar o painel – fotos apenas da exposição. Nenhuma do trajeto, da camaradagem, das poses e brincadeiras que por tantas vezes os surpreendi clicando. O motivo? São coisas distintas, foto para a escola “tem que ser do trabalho”. Mas chegaram a me mostrar algumas que circulavam só entre eles – afinal eram “mico”.

Duas escolas : uma para “estudar” e uma para “zoar”... duplo click!

De verdade a escola precisa mudar, antes: precisa crescer para ser as duas em uma! Precisamos modificar o olhar, o enquadramento. De professores e alunos. Porque se, por um lado, professores são “arraigados” ao passado, alunos também fazem a mesma divisão que nos primórdios da escola : aula é aula, lá fora é lá fora.

Os PCNs trazem “que se deve partir da realidade do aluno”. Informática, câmeras digitais, videogames e afins, fazem parte deste mundo, mas o mundo do lá fora. Creio que o disparo para trás do fotógrafo deva ir mais longe. Como professora, quero parar de ter as respostas, quero mais é perguntar e, se indagada da resposta, apenas responder: Não sei, o que vocês acham ? A história ensina que foi perguntando e duvidando que o homem pensou, criou, sonhou e... click!

Referência bibliográfica

WENDERS, Wim. *Cinema as Vision and Desire*. Cambridge: Cambridge UP, 1993